

Apresentação

Este número da revista *Aletria* é dedicado ao Realismo como tema e como questão, aproveitando de análise de obras literárias, incorporando também a discussão conceitual. O nome “realismo” é marcado por controvérsias conceituais importantes, inseparáveis de modismos que pouco esclarecem do significado crítico do qual é um poderoso portador. Muitas vezes é confundido com estilo de época ou escola, outras é atribuído a ele prescrições estéticas rígidas ou ainda dogmáticas com relação à fatura do real, noções que se misturam e não penetram a toda potência de esclarecimento e autoesclarecimento da arte e da literatura.

Entendemos o Realismo como uma forma de aproximação literária à realidade que busca figurar, em diversas formas, gêneros e estilos, as contradições subterrâneas da realidade social. Essa compreensão vem ao encontro da noção marxiana de que há em toda arte realista um materialismo espontâneo, um impulso ao desvendamento das forças motrizes da sociedade que se encontram na base das relações intersubjetivas e das próprias formas de subjetividade. Assim, o Realismo reconstrói de forma imaginativa a dialética dos momentos objetivos e subjetivos do real, desvendando a sua relação recíproca, e indicando a prioridade objetiva e material dessa relação.

Daí derivam outros dois elementos da literatura realista. Antes de tudo, a sua presença em todos os períodos históricos, alguns mais propícios, outros menos, bem como em todos os gêneros, antigos ou contemporâneos, de modo que não se identifica a escolas ou a formas específicas, como o romance do século XIX, que muitas vezes é tomado equivocadamente como “modelo”. Em segundo lugar, e mais importante, o desvelamento das relações sociais subjacentes é essencialmente *ativo*, em dois sentidos: as estruturas e conflitos sociais aparecem nas obras dissolvidos em ações humanas; e a criação fantástica que conduz a essa dissolução é, ela mesma, uma ação central. Nesse sentido, o Realismo não se identifica com

um reflexo mecânico da realidade, do imediato real, e sim com uma construção criativa dos seus movimentos essenciais, na forma de ações humanas.

Compreender a grande diversidade de formas como a literatura realiza esse complexo movimento figurativo é o trabalho da crítica. Os artigos aqui reunidos oferecem uma ideia da dimensão do problema. Os autores investem em múltiplas direções, abordam obras esteticamente bastante diversas, de épocas diferentes, que problematizam sua matéria de maneira própria, sem paradigmas prévios estabelecidos. É notável, por exemplo, a mobilização de fontes teóricas e conceituais independentes, como György Lukács, Mikhail Bakhtin, Theodor W. Adorno, Walter Benjamin e Fredric Jameson, além dos nossos Antonio Candido, Roberto Schwarz e Paulo Arantes. A independência desses autores não os liberta de uma conversa substantiva comum. Na verdade, a autonomia de cada um ajuda de maneira decisiva engendrar um quadro teórico multideterminado, o que, em termos de construção crítica, representa o primeiro passo fundamental para a análise literária em sentido forte.

Para se ter uma ideia dessa multiplicidade orgânica de crivos de análise, façamos um breve comentário sobre os artigos aqui reunidos.

O primeiro artigo se refere a uma discussão de caráter conceitual e teórico, mas não foge do corpo a corpo com o texto literário propriamente dito. Alex Fogal aborda a questão abrindo um campo de debate com os estudos de Karl E. Schollhammer, que recupera o conceito de Realismo e o coloca na ordem do dia, transformando-o em uma espécie de grife. A abordagem enfrenta os dilemas que essa recuperação cercam o conceito de Realismo no momento contemporâneo, em outras palavras, pós-moderno, quando a própria noção de real é posta sob suspeita. Segundo seus argumentos, a retomada do Realismo veio embalada por uma nova moda acadêmica, com o que isso pode acarretar em termos de regressão quando é ressignificado segundo uma espécie de reificação conceitual. Neste sentido, o Realismo é manejado como um operador de conferência da imediatez, de registro de fatos aparentes, perdendo sua capacidade de penetrar as camadas mais profundas do processo gerador do real, verdadeira motivação de tensão entre literatura e processo social.

A partir desse ponto mais denso de discussão conceitual, os demais artigos conseguem desnudar as diferentes configurações de realismos, sempre atentando para as questões sócio-históricas de fundo, que formam a estrutura substantiva das obras e se sedimentam estilisticamente de maneiras muitas vezes imprevistas. Isso pode ser conferido pelos leitores nos artigos de Carlos Augusto B. Leite e Bárbara Del Rio, ambos dedicados ao estudo da poesia. O primeiro se dedica à análise da obra de Ana Martins Marques, jovem escritora mineira dotada de experiência do presente. Segundo o autor, a tendência lírica, que em princípio poderia ocultar o significado de um processo social concreto, serve de estilização para a reflexão da matéria social subjacente a ela, invertendo com isso paradigmas que pareciam resolvidos na recepção crítica de faturas desse tipo. O exercício de análise é fluido e penetrante ao mesmo tempo, fazendo da fatura estética uma matéria objetiva por si só, através da qual ultrapassa as possíveis intenções autorais. Esse enfoque é desdobrado no outro artigo citado acima, dedicado à comparação de dois autores muito distantes no tempo, Castro Alves e Conceição Evaristo, o primeiro um vate expoente do Romantismo, a segunda uma das escritoras mais prestigiadas do nosso tempo. O que a autora procura pôr em discussão é uma correlação natural à primeira vista entre eles, mas só à primeira vista. Em primeiro plano estão a figuração de personalidades negras e femininas, assujeitadas pela opressão econômica, cultural e de gênero. A partir de uma apreciação cuidadosa das ferramentas de linguagem poética

que foram mobilizadas, a análise atravessa as questões literárias e põe em discussão o que a matéria dessa poesia tem a dizer sobre os impasses de formação na sociedade brasileira, com seus dados de exclusão congênita.

Somam a esses artigos e às perspectivas que eles trazem, estudos dedicados à prosa de ficção. Carolina Serra Azul Guimarães analisa um romance de Paulo Emílio Salles Gomes, questionando a própria forma do romance enquanto gênero, uma questão de raiz técnica que faz parte do escopo de interesse do Realismo crítico. A aparente fragmentação global do romance é interpretada como fatura estética dos tempos sombrios da ditadura no Brasil, uma estratégia de formalização que revela por si mesma o caráter de enfrentamento intelectual da literatura com relação às contradições postas pelo processo histórico. Esse gancho de interpretação é redimensionado no artigo de Martín Ignacio Koval, dedicado à reflexão estética do chamado Romance de Formação (*Bildungsroman*) a partir de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, o livro clássico de Goethe. A análise perpassa o significado histórico e trans-histórico do romance de formação, sua interpretação por correntes teóricas pós-modernas que tendem a dessubstancializar a carga realista latente que o gênero consegue formalizar. Desse modo, sem tomar o problema do desgaste conceitual como motivo de seu trabalho, o autor entrega munição para repensar o desgaste algo reificador que o conceito de Realismo vem sofrendo há muito tempo, e que a nova moda de resgate não reparou, ou talvez só agravou.

Os organizadores

Marcos Rogério Cordeiro

Ana Cotrim

Alex Alves Fogal